

Sítios Históricos e Centros Urbanos

JEANINE MAFRA MIGLIORINI

(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

Sítios Históricos e Centros Urbanos

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S623	Sítios históricos e centros urbanos [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-85107-38-3 DOI 10.22533/at.ed.383182609 1. Arquitetura – Conservação e restauração. 2. Patrimônio cultural – Proteção. I. Migliorini, Jeanine Mafra. II. Título. CDD 720.288
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Patrimônio pode ser entendido como algo de valor, que merece cuidado e exige atenção para que se mantenha. Esta definição deve ser aplicável ao patrimônio econômico e ao cultural. Então por que é tão difícil a compreensão da necessidade do cuidado com o patrimônio cultural? O patrimônio cultural possui um valor intangível, e por isso é tão difícil mensurar sua importância. É necessário fazer perceber que valorizar o patrimônio cultural é respeitar nosso ser social, no contexto e entorno.

Entretanto a discussão sobre o patrimônio é abrangente e delicada, uma vez que muitas vezes interfere em bens particulares, que possuem valor para a sociedade, essa é uma das grandes polêmicas que envolvem este assunto. Isto nos leva a mais um questionamento: o que deve ser preservado? Esta é uma resposta que cabe aos especialistas, que analisam um contexto, deixando de lado interesses pessoais, uma vez que deve prevalecer o interesse comunitário. Estes pareceres são técnicos, e não poderiam ser alterados por poderes políticos: eis aqui mais uma questão delicada referente ao patrimônio.

Em meio à tantas contendas devemos refletir sobre a necessidade de interferência do poder público, para a conservação de nossa história, de nossos bens materiais e imateriais, culturais e naturais. Não deveria ser intrínseco ao ser humano a necessidade de cultivar nossa história, nossos bens comuns? Lanço mais um questionamento: o poder público, responsável pela árdua tarefa de classificar, atender, vigiar e punir, se necessário, o descaso com nosso patrimônio, realmente está cumprindo seu papel? Ainda: tem interesse em cumprir esse papel?

A cultura é inerente ao ser humano, e sua importância deveria ser inquestionável, mas o que vemos atualmente é um grande descaso, gerando graves consequências para cada um de nós e para todos nós. Estes são alguns dos pontos que justificam a necessidade crescente de discutir, estudar, analisar e cuidar dos nossos tão preciosos patrimônios. Como isso é possível? Enumero algumas ações possíveis discutidas neste livro.

Incentivar a restauração de bens em estado de degradação, esta feita por profissionais qualificados, que podem conduzir o processo com competência e qualidade, e para isso existem leis, uma vez conhecidas podem ser cobradas por todos. Por isso o conhecimento sobre o patrimônio, sobre sua importância é tão fundamental.

Outra ação possível, que vai ao encontro desta, é a criação de rotas patrimoniais, para que chegue até o público o conhecimento, a vivência, a experiência. As temáticas para desenvolver este trabalho são vastas, basta interesse. O que nos leva à mais uma ação: a gestão patrimonial, quer seja pública ou privada. Deve ser exercida para uma manutenção apropriada dos bens. Para que isso ocorra é necessário que se criem ou se exerçam políticas patrimoniais. Através delas pode, ou não, ser incentivado o cuidado, a valorização e até mesmo a percepção acerca do patrimônio, por parte da população.

Em meio a tudo isso o tema que acredito ser a base para que todo este cenário ocorra: a educação patrimonial, que dá subsídios para que as outras ações ocorram, é o conhecimento que permite a apropriação, o desenvolvimento do sentimento de pertença, e conseqüente valorização do patrimônio.

É um caminho de muitas pedras, mas que deve ser iniciado com determinação, por aqueles que são os disseminadores dessas ações. Este livro é um desses passos de reconhecimento desta caminhada.

Boa leitura e engaje-se nesta luta!

Prof.^a Jeanine Mafra Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO MOTIVADORA DO AUTO RECONHECIMENTO HISTÓRICO DO INDIVÍDUO SOCIAL CACERENSE	
<i>Thais Lara Pinto de Arruda</i> <i>Rafael Leandro Rodrigues dos Santos</i> <i>Veruska Pobikrowska Tardivo</i>	
CAPÍTULO 2	16
OLHARES SOBRE O BAIRRO LAGOINHA: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, IMAGENS COTIDIANO E MEMÓRIAS	
<i>Loque Arcanjo Júnior</i> <i>André Luiz Rocha Mattos Caviola</i>	
CAPÍTULO 3	28
A UFBA NA SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL BRASILEIRO: UMA TRAJETÓRIA PIONEIRA NA PESQUISA E NA FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL PARA A RESTAURAÇÃO DE MONUMENTOS.	
<i>Renata Lucena Gribel</i>	
CAPÍTULO 4	40
A CIDADE FICOU VELHA? ENTRE POLÍTICA PATRIMONIAL E A PERCEPÇÃO DE PATRIMÔNIO DOS MORADORES DO BAIRRO DA CIDADE VELHA, BELÉM, PARÁ	
<i>Sabrina Campos Costa</i> <i>Edgar Monteiro Chagas Junior</i>	
CAPÍTULO 5	52
REFLEXÕES E POSSIBILIDADES ACERCA DA GESTÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO NO CONTEXTO DE UM ARRAIAL DE MINERAÇÃO DO SÉCULO XVIII	
<i>Lucas de Paula Souza Trancoso</i>	
CAPÍTULO 6	68
A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE RISCOS PARA MUSEUS LOCALIZADOS EM ÁREAS REMOTAS	
<i>Micheli Martins Afonso</i> <i>Karen Velleda Caldas</i> <i>Juliane Conceição Primon Serres</i>	
CAPÍTULO 7	77
O IMPACTO DAS INUNDAÇÕES SOBRE ALVENARIAS HISTÓRICAS EM TIJOLO CERÂMICO: A DESTRUIÇÃO GRADATIVA DO SÍTIO HISTÓRICO DE SANTA LEOPOLDINA [ES]	
<i>Luciana da Silva Florenzano</i> <i>Renata Hermann de Almeida</i>	
CAPÍTULO 8	93
AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DE BIOTÉCNICAS NA PROTEÇÃO E CONSERVAÇÃO DE ENCOSTAS NOS QUINTAIS DO SÍTIO HISTÓRICO DE OLINDA	
<i>Clodomir Barros Pereira Junior</i> <i>André Cardim Aguiar</i>	

CAPÍTULO 9	109
JARDINS DE BURLE MARX: UM PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO MODERNO A SER PRESERVADO NA CIDADE DE TERESINA/PI	
<i>Emanuelle de Aragão Arrais</i> <i>Ana Virgínia Alvarenga Andrade</i> <i>Ana Cristina Claudino de Melo</i>	
CAPÍTULO 10	119
O PATRIMÔNIO INDUSTRIAL BRASILEIRO: REFLEXÕES À MEMÓRIA E HISTÓRIA DO SÉCULO XX	
<i>Ronaldo André Rodrigues da Silva</i>	
CAPÍTULO 11	135
FORTIFICAÇÃO E HUMANIDADE	
<i>Marcos Antonio Gomes de Mattos de Albuquerque</i> <i>Veleda Christina Lucena de Albuquerque</i>	
CAPÍTULO 12	148
ENTRE A HISTÓRIA E O PATRIMÔNIO CULTURAL: O PAPEL DO RECONSTRUIR SIMBÓLICO DA FEIRA DE SÃO CRISTÓVÃO	
<i>Elis Regina Barbosa Angelo</i>	
CAPÍTULO 13	160
A ROTA PATRIMONIAL COMO INSTRUMENTO DE PRESERVAÇÃO: PROPOSTA EM CONCEIÇÃO DA BARRA/ES	
<i>Maísa Fávero Costa</i>	
CAPÍTULO 14	173
PAISAGENS DA MEMÓRIA: INFORMAR PARA PRESERVAR	
<i>Paulo José Lisboa Nobre</i> <i>Isaías da Silva Ribeiro</i>	
CAPÍTULO 15	187
A LEGITIMAÇÃO DA HISTÓRIA DA ARTE POR MEIO DA PINTURA MURAL	
<i>Larissa Gabe</i> <i>Mariela Camargo Masutti</i> <i>Maria Aparecida Santana Camargo</i>	
CAPÍTULO 16	198
A COR NAS SUPERFÍCIES ARQUITETÔNICAS PATRIMONIAIS: O CASO DA IGREJA DE N. S ^ª DA CONCEIÇÃO DOS PARDOS DE LARANJEIRAS SE/BR	
<i>Eder Donizeti da Silva</i> <i>Adriana Dantas Nogueira</i>	

CAPÍTULO 17 214

ANÁLISE DA EFICIÊNCIA DO CONFORTO E FUNCIONALIDADE DAS EDIFICAÇÕES MODERNISTAS DE FORTALEZA

Rebecca Campos Leite Alencar

Isabelle Mendonça de Carvalho

Thaís Rebouças Vidal

Amando Candeira Costa Filho

CAPÍTULO 18 225

A RECONSTRUÇÃO E SUA EVOLUÇÃO NO MEIO PATRIMONIAL: DAS RUÍNAS AO MUSEU DE VARSÓVIA

Daniel de Almeida Moratori

CAPÍTULO 19 240

REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO ARQUITETÔNICA EM OURO PRETO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX AO INÍCIO DO XX: RECONHECIMENTO E PRESERVAÇÃO

Patrícia Thomé Junqueira Schettino

Fernanda Alves de Brito Bueno

SOBRE A ORGANIZADORA..... 258

A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE RISCOS PARA MUSEUS LOCALIZADOS EM ÁREAS REMOTAS

Micheli Martins Afonso

UFPEL. Doutoranda em Memória Social e Patrimônio Cultural.
Pelotas/RS.

Karen Velleda Caldas

UFPEL. Prof^a. M^a. no curso de Conservação e Restauração.
Pelotas/RS

Juliane Conceição Primon Serres

UFPEL. Prof^a. Dr^a. do Programa de Pós-Graduação em Memória e Patrimônio.
Pelotas/RS

RESUMO: Este trabalho versa sobre o evento que danificou cerca de 30% da imaginária sacra missioneira e as instalações do Museu das Missões, situado na cidade de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul. Construído junto às missões jesuíticas por Lucio Costa, em 1940, e considerado Patrimônio Mundial da UNESCO, em 1983, o museu foi atingido por um tornado em abril de 2016. Os resultados desse desastre evidenciam uma lacuna existente na instituição quanto à gestão de riscos, incluindo um plano de emergência vigente. Levando em consideração que o risco não está ligado apenas a fatores físicos e ambientais, mas também aos fatores socioculturais, econômicos e políticos, busca-se discutir a importância de programas de gestão de riscos direcionados para museus

localizados em áreas remotas, visando utilizar sistemas sustentáveis e métodos exequíveis para conservação destas instituições de guarda. Este artigo foi apresentado no Simpósio Científico ICOMOS BRASIL em 2017 e apresenta alguns questionamentos preliminares que estão sendo trabalhados em tese de doutorado pelo programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, sobre o papel da comunidade como agente de preservação. Esta análise parte do princípio que a conservação e a restauração devem cumprir um papel social, contribuindo para a extroversão da informação e para a capacitação de agentes culturais na preservação do patrimônio.

PALAVRAS-CHAVE: Situações de emergência; Gestão de riscos; Conservação; Patrimônio Mundial; Memória do Museu das Missões.

ABSTRACT: This work deals about the event that damaged about 30% of the sacred missionary imaginary and the building of the Museu das Missões, located in the city of São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul. Built alongside the Jesuit missions by Lucio Costa in 1940, and considered a World Heritage Site by UNESCO in 1983, the museum was hit by a tornado in April 2016. The results of this disaster highlight a gap in the institution's risk management, including a current emergency

plan. Taking into account that the risk is not only related to physical and environmental factors, but also to sociocultural, economic and political factors, it is sought to discuss the importance of risk management programs directed to museums located in remote areas, aiming to use sustainable systems and feasible methods for the conservation of these guarding institutions. This article was presented at the Brazil's ICOMOS Scientific Symposium in 2017 and presents some preliminary questions that are being worked on in a doctoral thesis by the Graduate Program in Memória Social e Patrimônio Cultural of the Universidade Federal de Pelotas, on the role of the community as agent of preservation. This analysis assumes that conservation and restoration must fulfill a social role, contributing to the extroversion of information and to the training of cultural agents in the preservation of heritage.

KEYWORDS:Emergency situations; Risk Management; Conservation; World Heritage; Memory of Museu das Missões.

UM MUSEU À DERIVA

Recolhendo-se [...] a um pequeno museu local, as peças que, sobrevivendo à catástrofe, por assim dizer, “deram à praia”: capitéis, cartelas partidas, ainda com o IHS, os três cravos e a cruz, imagens mutiladas e já sem cor, peças cuja vista nos deixa uma impressão penosa e certo mal-estar, como se realmente estivéssemos diante dos destroços de um naufrágio (Costa, 1995, p.18).

Lúcio Costa, arquiteto que projetou o Museu das Missões, ao conhecer o Sítio Histórico São Miguel Arcanjo faz uma analogia da situação encontrada no local com um navio naufragado em um gigante Oceano. Quase 80 anos após a construção do Museu, as palavras proferidas por Lucio Costa tornam-se contemporâneas. No dia 24 de abril de 2016 o Museu das Missões foi atingido por fortes tempestades e por um tornado, situação improvável para aquela região do Estado do Rio Grande do Sul. O tornado danificou as salas expositivas do museu, destelhando o local, quebrando os vidros e entortando as calhas metálicas. Diversas esculturas que estavam expostas foram arremessadas ao gramado próximo a sala de exposição e com o impacto ficaram danificadas. Algumas tiveram partes amputadas devido à violência do tornado e ficaram cravejadas por estilhaços de vidro, que não possuía tratamento adequado para a conservação do acervo. No momento da tragédia estavam presentes poucos funcionários do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), dificultando as ações de resposta ao sinistro e o resgate do acervo. Além disso, esses funcionários em sua maioria eram agentes de segurança do Sítio Histórico São Miguel Arcanjo e não possuíam formação específica ou qualquer treinamento de como proceder diante de uma situação de emergência.

A catástrofe inesperada revelou uma degradação estrutural do acervo que antecede o ocorrido, fator que denuncia a carência de métodos técnicos de gerenciamento de riscos, incluindo a conservação preventiva e um plano de emergência. Considera-se essencial ter em vista que as degradações estão relacionadas a:

Composição material dos acervos e do ambiente em que estão inseridos, de seu uso e manuseio, e de seu valor econômico, religioso, político, histórico etc. podem ser identificados, analisados e tratados por meio do uso da metodologia de gerenciamento de riscos. Esta metodologia oferece resultados científica e estatisticamente embasados que contribuem para que conservadores, gestores, cientistas, administradores, em um ambiente interdisciplinar, definam as escolhas e prioridades na tomada de decisão inerente ao processo de gerenciamento de um programa de preservação. (HOLLÓS & PEDERSOLI, 2009, p. 73).

Este artigo possui o interesse em discutir a importância do desenvolvimento de programas de gestão de riscos direcionados para museus localizados em áreas remotas, visando problematizar a utilização de sistemas sustentáveis e métodos exeqüíveis para conservação destas instituições de guarda. Este artigo ainda trás alguns questionamentos preliminares que estão sendo trabalhados em tese de doutorado pelo programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal de Pelotas, sobre o papel da comunidade como agente de preservação em situações de emergência. Esta análise parte do princípio que a conservação e a restauração devem cumprir um papel social, contribuindo para a extroversão da informação e para a capacitação de agentes culturais na preservação do patrimônio.

Elegeu-se o Museu das Missões como objeto de estudo de caso desta proposta, devido à ausência de um programa de gestão de riscos formulado para esta instituição, por se tratar de um museu localizado em área remota e por ter este, sofrido recentemente um sinistro que danificou significativamente parte do seu acervo. Considera-se museu de área remota aqueles museus que possuem dificuldades de acesso a grandes centros, como capitais. A este exemplo, se tem o Museu das Missões que se encontra situado a noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente a 59 km de distância de Santo Ângelo. Uma viagem de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul, a São Miguel das Missões gera uma duração de 7 horas, correspondendo a 475 km percorridos, aproximadamente. Desta forma, torna-se muito difícil um socorro eficiente para situações de emergência, devido à distância geográfica.

A discussão possui um caráter inédito, tendo em vista que as metodologias de gestão de riscos são pouco aplicadas, principalmente no que tange a preservação de museus sem acesso a métodos automatizados e com equipes reduzidas, devida a sua complexidade metodológica. Os programas de gestão de riscos são criados, mas a adaptação aos manuais tradicionais é deixada a cargo das instituições museais. O que se observa na prática é que devido à falta de conhecimento e de recursos técnico/financeiros os programas de preservação acabam não saindo do papel e são deixados em segundo plano, já que:

A preocupação com a conservação e salvaguarda dos acervos musealizados exige dos profissionais de museus especial atenção no que se refere à identificação dos agentes de risco e à adoção de formas de controle e tratamento dos riscos e de seus impactos para que possam ser gerenciados de forma planejada, reduzindo as perdas de valor das coleções. A fim de assessorar os profissionais de museus, identificamos os instrumentos básicos necessários para a elaboração de seus

Planos de Gestão de Riscos: levantamento do contexto institucional; definição dos conceitos básicos; conduta e procedimentos essenciais para a normatização de gestão de riscos; e requisitos para a implantação do plano. (IBRAM, 2013a, p. 23).

Os instrumentos básicos indicados pelo IBRAM para elaboração de um plano de gestão de riscos geralmente não são familiares para as equipes que trabalham em museus e em se tratando de museus localizados em áreas remotas. A situação encontrada no Museu das Missões faz parte do cenário atual dos museus brasileiros e reflete uma postura bastante heterogênea em relação à gestão de riscos tendo em vista que existem instituições “significativamente avançadas neste aspecto e outras onde falta ainda implementar requisitos básicos para a proteção do acervo frente aos riscos que os ameaçam” (PEDERSOLI, 2016).

O Conselho Internacional de Museus (ICOM) insere a conservação dentro das premissas indispensáveis para que uma instituição seja definida como museu, apesar disso, grande parte dos museus brasileiros trabalha diariamente com recursos mínimos, inviabilizando soluções “adequadas” de conservação preventiva e gerenciamento de riscos. A referência nacional que se tem para gerenciamento de riscos consiste em duas publicações do Instituto Brasileiro de Museus: Programa para a Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro (IBRAM, 2013a) e Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro (IBRAM, 2013b). A primeira publicação indica métodos de detectar e bloquear agentes de riscos a partir da instalação de “detectores de calor e fumaça”, “sensores de movimento ou intrusão”, “climatização de reservas técnicas e salas de exposição”, dentre outros métodos mecânicos, pouco viáveis para a maioria das instituições localizadas em áreas remotas.

As instituições museológicas avançam em direção a uma postura teórico/científica interdisciplinar, transformando o museu em um espaço de pesquisa, ciência, arte e patrimônio. Por ser uma metodologia técnica e que deve ser aplicada sistematicamente em cada museu, a partir de uma avaliação preliminar e identificação dos potenciais agentes degradantes, a gestão de riscos acaba por não atingir satisfatoriamente seus objetivos de conservação, já que na maioria das vezes não é aplicada.

A gestão de riscos consiste em uma metodologia científica interdisciplinar capaz de contribuir de maneira significativa com a política de preservação da instituição museal, a partir de uma análise global do museu, acervo e seu entorno. Nesse processo há uma qualificação e quantificação dos potenciais riscos ou fragilidades que ameaçam o museu, baseado nos chamados dez agentes de degradação, discutidos e compilados pelo Canadian Conservation Institute (CCI). Foram listados até o momento como potenciais agentes de degradação as forças físicas; o roubo e o vandalismo; a dissociação; o fogo; a água; as pragas; os contaminantes; as radiações; a temperatura incorreta; e a umidade relativa incorreta (CCI, 2009). Os agentes de degradação são os principais causadores de perda de acervo, eles encontram na gestão de riscos uma barreira que, quando bem planejada e aplicada de maneira correta, torna-se uma ferramenta muito útil e competente na conservação dos bens culturais.

A realidade museal brasileira e também mundial reflete que diversas entidades museais se interessam por programas de gestão de riscos após vivenciarem algum episódio de sinistro dentro da instituição, em maior ou menor escala. Em 2001, Sherelyn Ogden discutia sobre este panorama que não se faz diferente nos dias atuais.

É doloroso constatar que o quadro funcional de instituições culturais muitas vezes só toma conhecimento das vantagens da prevenção de emergências depois de sofridas experiências, mas não há por que permitir que estas acabem sempre em calamidades. De fato, na maioria dos casos, os riscos podem ser reduzidos ou totalmente afastados por um programa abrangente e sistemático de prevenção. Estes programas fornecem os meios de reconhecer e prevenir riscos e de responder com eficácia às emergências. (OGDEN, 2001, p. 7).

Em se tratando de museu situado em área remota, a gestão de riscos deve considerar os obstáculos enfrentados diariamente, devido ao isolamento ou dificuldade de acesso imediato, por profissionais especializados. O principal desafio destes locais de memória corresponde à manutenção de programas de conservação preventiva frente à falta repentina de energia elétrica; inundação por tempestades torrenciais; carência de recursos técnicos e financeiros, inviabilizando a instalação de sistemas de climatização, controle ambiental, equipamentos de segurança, etc.; número reduzido de funcionários técnico-administrativos, dentre outros.

O objetivo de uma gestão museal, incluindo a gestão de riscos, é facilitar a tomada de decisões que conduzem a uma boa execução da missão do museu (LORD & LORD, 2008). Indicar a comunidade como agente de preservação corrobora para que a missão do Museu das Missões seja exercitada, pois a instituição prevê estimular “na população local e visitantes a reflexão sobre o legado cultural dos remanescentes históricos da população missioneira do Rio Grande do Sul” (BOTELHO et al, 2015, p. 43-44).

Levando em consideração que “o risco não está ligado apenas a fatores físicos relacionados ao território (características geográficas e/ou climáticas), mas também aos fatores socioculturais e econômicos” (IBRAM, 2013a, p.11-12), busca-se entender no decorrer da pesquisa, não abordado neste artigo, mas é pertinente mencionar, as relações entre a comunidade de São Miguel das Missões e o Museu das Missões. A comunidade se sente herdeira do legado missioneiro? A comunidade se identifica com a história dos povos das missões? Existe uma memória de herança daquele patrimônio e como este legado afeta a vida contemporânea daquela população? Qual foi a reação daquela população diante do fechamento do Museu das Missões? Existiu algum tipo de comoção social ou emoção patrimonial (TORNATORE, 2010)? Deve-se embarcar nos meandros da memória, identidade e patrimônio, para que se entendam as relações sociais existentes, de forma a contribuir para a preservação desta instituição e da memória missioneira do Rio Grande do Sul.

CONSERVAÇÃO PREVENTIVA E GESTÃO DE RISCOS

Em 1957, H. J. Plenderleith publica “Conservação de Antiguidades e obras de arte”. O texto pode ser considerado como a base da conservação, indica a umidade, os contaminantes e a negligência como fatores de degradação dos bens culturais (GUINCHEN, 2009, p. 36). A origem da ciência da conservação se dá a partir das pesquisas de Cesare Brandi e Paul Philippot junto ao International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property (ICCROM), que segundo Michalski corresponde a uma organização intergovernamental estabelecida em Roma em 1959 e que constitui a “única instituição deste tipo com mandato mundial para promover a conservação de todos os tipos de património cultural, móvel e imóvel” (MICHALSKI, 2007, p. 58).

Já nos anos 80, Garry Thomson (1982) revoluciona a área da conservação e da restauração introduzindo de forma sistemática a noção de conservação preventiva, discutindo a importância do estudo ambiental e do controle climático para conservação. O cientista da conservação, Gael Guinchen, define de maneira didática a filosofia que baseia a área da conservação-restauração atualmente:

Quien antes pensaba en “objeto”, hoy tiene que pensar en “colecciones”; Quien antes pensaba en “conservador-restaurador”, hoy tiene que pensar en “equipo multidisciplinar”; Quien antes pensaba en “sala”, hoy tiene que pensar en “edificio”; Quien antes pensaba en “clima”, hoy tiene que pensar en “conjunto de agresores”; Quien antes pensaba a “corto plazo”, hoy tiene que pensar a “largo plazo”; Quien antes pensaba en “secreto”, hoy tiene que pensar en “difusión”; Quien antes pensaba “¿cómo?”, hoy tiene que pensar “¿por qué?”. (GUINCHEN, 1995).

Em resposta a uma necessidade social de gestão dos bens culturais, a conservação avança ao campo interdisciplinar da ciência, preservação, memória e patrimônio. É oportuno esclarecer as definições de preservação e conservação já que elas possuem concepções diferentes (MATERO, 2001): enquanto preservação diz respeito a uma “consciência, mentalidade, política (individual ou coletiva, particular ou institucional) com o objetivo de proteger e salvaguardar o Patrimônio” (SÁ, 2001, p. 3), a conservação pode ser definida:

Como uma disciplina híbrida, dedicada à salvaguarda do patrimônio cultural, observando e analisando a transformação, deterioração e manutenção da cultura material; conduzindo investigações para determinar a causa, o efeito e a solução de problemas (MATERO, 2001).

Os programas de Gestão de Riscos surgem apenas nos anos 2000, oriundos e adaptados das áreas econômicas ((BROKERHOF et al, 2007). Essa metodologia de gestão do patrimônio consiste em uma evolução das práticas de análise ambiental utilizadas na conservação preventiva. Ela auxilia no “estabelecimento eficaz de prioridades para alocação de recursos a partir de uma visão integrada de todos os possíveis danos e perdas de valor para o patrimônio” ((HOLLÓS & PEDERSOLI, 2009, p. 78). O conservador-restaurador, em seu trabalho diário de preservação do patrimônio cultural, busca driblar o tempo, preservar aquilo que é perecível e que tenta voltar à sua

essência material, perecer, desaparecer (GUINCHEN, 2009, p. 35). Infortunadamente qualquer instituição está sujeita à sinistros, de maior ou menor magnitude.

Las emergencias, caracterizadas por ser imprevisibles, siempre han ocurrido y seguirán ocurriendo. Pueden tratarse de goteras inesperadas en las cubiertas del edificio, [...] de una chispa eléctrica que salta durante el montaje de una exposición, de catástrofes naturales o [...] el incendio incontrolable, que no sólo pone en peligro la vida de las personas, sino que además destruye todo a su paso. De ahí la necesidad innegable de estar preparados para lo que venga, porque no es cierto que todo esté perdido de antemano. ((AZCUTIA et al, 2008, p.7).

A catástrofe que atingiu o Museu das Missões não é um evento isolado. Casos como os incêndios que atingiram o Museu da Língua Portuguesa (SP) e a Cinemateca Brasileira (SP) revelam o despreparo de instituições brasileiras instaladas em grandes centros e que ainda são surpreendidas por eventos previsíveis e evitáveis caso se tenha um bom plano de gestão de riscos ativo e atualizado. Ao tratar-se de um museu localizado em uma área longínqua, a realidade diante de situações de emergência agrava-se ainda mais, tendo em vista a impossibilidade de apoio técnico especializado imediato, a dificuldade de aplicação de manuais atuais de gestão de riscos e os infinitos obstáculos enfrentados diariamente.

A conservação das coleções é um processo cíclico (MICHALSKI, 2007, p. 53), mas para que algo seja conservado, antes é preciso que se pergunte o que se deve conservar? Para quem se deve conservar? Por que é preciso conservar? E de que maneira deve ser conservado? O Museu das Missões necessita ser conservado porque é legitimado por uma comunidade que se identifica e o consagra como patrimônio local (PRATS, 2005), ou porque pertence a um Patrimônio Mundial da UNESCO, o Sítio Histórico São Miguel Arcanjo, se tornando assim um patrimônio localizado (PRATS, 2005)? Segundo PRATS, “es muy frecuente que se produzca una sobrevaloración o una minusvaloración local del patrimonio localizado, así como una interpretación o interpretaciones divergentes” (2005, p.24-25). Sendo assim, torna-se necessário pesquisar melhor a comunidade local de São Miguel das Missões, com intuito de reconhecer os sistemas patrimoniais ali estabelecidos, para que se aproveitem essas relações na elaboração de um plano de gestão de riscos, tendo em vista que:

Un Plan Integral de Conservación Preventiva facilita la programación de todas las actividades de la institución respecto a la conservación de los fondos, así como el establecimiento de rutinas de inspección, seguimiento, control, reparto de responsabilidades entre los miembros del personal y la asignación adecuada de los recursos necesarios. El contenido del Plan debe ser, por tanto, programar qué hay que hacer, cómo, cuándo y quién tiene que llevarlo a cabo. (IPCE, 2010, p.16).

É fundamental que o plano de conservação preventiva ou de gestão de riscos preveja como a comunidade irá interagir com a coleção, e desta maneira os laços sociais e o nível de interação do museu com a comunidade local, torna-se imperativo.

CONCLUSÕES

O Museu das Missões faz parte de um conjunto patrimonial instituído e legitimado pela sociedade como um Patrimônio Mundial. Apesar disso, a partir de investigação preliminar e análise *in situ*, verificou-se que o Museu das Missões não possui ações efetivas que envolvam a gestão de riscos ou a conservação preventiva. A principal causa para a falta de aplicação de gestão de riscos em museus brasileiros, dá-se ao fato de as instituições não possuírem conservadores-restauradores(a) em suas equipes. Outro motivo é a falta de metodologias específicas de gestão de riscos que direcionem estes museus a alternativas sustentáveis e exequíveis na prática, visando à carência que a maioria dos museus localizados em áreas remotas possui, levando em consideração a parte de recursos técnicos, humanos e financeiros.

REFERÊNCIAS

AZCUTIA, Marta H.; CÁMARA, Encarna H.; GRUSS, Carmen R.; YANGUAS, Marina M.; WORMS, Bárbara C.; JUÁREZ, Joaquim.; et al. **GPPCE. Guia para um plan de protección de colecciones ante emergências**. Ministerio de Cultura. España: Museos Estatales, 2008.

BOTELHO, André A.; BRUXEL, Laerson.; VIVIAN, Diego. **Museu das Missões: Coleções Museus do IBRAM**. 1ª edição. Brasília: IBRAM, 2015.

BROKERHOF, A. et al. **Interfacing research and risk management for a better safeguarding of cultural heritage**. In: EUROPEAN CONFERENCE “SAUVEUR” SAFEGUARDED CULTURAL HERITAGE, 7. 2006. Prague. Proceedings... Prague: ITAM; ARCCHIP, 2007, p. 1030-1033. (v. 2)

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

COUTINHO, Maria Inês. **A Resistência pelo Estético: Imaginária Guarani nas Missões Jesuíticas no Brasil**. Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em História Ibero-Americana) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1996.

GUINCHEN, Gaël de. **Medio siglo de Conservación Preventiva**. Entrevista realizada por el Comité Científico Técnico del GEIC (Marisa Gómez y Benoît de Tapol). Ge-Conservación, 2009.

GUICHEN, G. de, (1995). **La conservation préventive: un changement profond de mentalité**. En Cahiers d'étude, ICOM-CC. Disponível em: <http://icom.museum/study_series_pdf/1_ICOM-CC.pdf>. Acesso: 14/07/16.

GUTIERREZ, Ramón. **As Missões Jesuíticas dos Guaranis**. Rio de Janeiro: UNESCO/ SPHAN/ Fundação Pró-Memória, 1987

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

HOLLÓS, Adriana Cox; PEDERSOLI, José Luiz. **Gerenciamento de riscos: Uma abordagem interdisciplinar**. Ponto de Acesso, Salvador, v. 3, n. 1, p. 72-81, abr. 2009. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>. Acesso: 22/09/2016.

IBRAM. **Programa de Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro**. Ministério da Cultura: Brasília, 2013a.

IBRAM. **Gestão de Riscos ao Patrimônio Musealizado Brasileiro**. Ministério da Cultura: Brasília, 2013b.

IPCE. **Conservación preventiva y Plan de Gestión de Desastres en archivos y bibliotecas**. Ministerio de cultura. España, 2010.

LORD, Barry.; LORD, Gail D. **Manual de Gestión de Museos**. Ariel Patrimonio Histórico. Barcelona: 2008.

MARQU

ES, Isabel da Costa. **O Museu como Sistema de Informação**. Dissertação (Mestrado em Museologia) Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Porto: 2010.

MATERO, Frank. **Ethics and policy in conservation**. GCi newsletter, Los Angeles, v.15, n.1, p. 5-9, Spring 2000.

MICHALSKI, Stefan. **Preservación de las colecciones**. In: *Cómo administrar un museo: manual práctico*. Paris: UNESCO/ICOM, 2007.

_____. **The power of history in the analysis of collection risks from climate fluctuations and light**. In ICOM-CC 17th Triennial Conference Preprints, Melbourne, 15–19 September, 2014. Ed.J. Bridgland, art. 1506, 8 pp. Paris: International Council of Museums, 2014. (ISBN 978-92-9012-410-8).

MOUTINHO, Mário. *Museus e Sociedade: Reflexões sobre a função social do museu*. Caderno de Patrimônio, 1989.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História 10. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do departamento de história. PUC/SP, 1993.

OGDEN, Shereilyn. **Administração de emergências**. Projeto conservação preventiva em bibliotecas e arquivos. Rio de Janeiro, 2001.

PEDERSOLI, José L. **Gestão de risco e patrimônio cultural**. Entrevista cedida ao IBRAM. Edição: Ascom/Ibram. Disponível: < <http://www.museus.gov.br/tag/gestao-de-risco/>>. Acesso em: 02/09/2016.

PEDERSOLI, José L.; SPINELLI, Jayme. **Plano de gerenciamento de riscos: salvaguarda e emergência**. Biblioteca Nacional. Edição Revista: Rio de Janeiro, 2010.

RICOEUR, Paul. **Memória, História e Esquecimento**. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

SÁ, Ivan Coelho de. **Oficina de Conservação Preventiva de Acervos**. Porto Alegre, Museu Militar, CMS, 2001.

Silveira, Flávio L. A. da. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva de contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2004.

THOMSON, Garry. **The Museum Environment**. The National Gallery London, 1982.

TORNATORE, Jean-Louis. **L'esprit de patrimoine**. Transmettre. Terrain, n. 55, p. 106-127, sept.2010.

VARINE, Huges De. **As raízes do Futuro: O patrimônio a serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-38-3

